

Crise deixa o mercado inseguro e já derruba título da dívida no exterior

HELIVAL RIOS

Desabam as cotações dos papéis brasileiros no exterior. A crise política vivida pelo Brasil começa a repercutir duramente no mercado internacional, contra os interesses do País, em razão de relatórios extremamente negativos que começam a chegar lá fora, vindos das filiais dos bancos e das subsidiárias multinacionais. Os títulos da dívida externa brasileira nos mercados da Europa, segundo informaram ontem ao Jornal de Brasília analistas do mercado, começam a ser negociados com até 70% de deságio. Ou seja, os bancos que detêm títulos da dívida brasileira estão aceitando até 30% desses créditos para se ver livre deles.

A situação brasileira está sendo classificada pela maioria dos analistas dos bancos estrangeiros como "insegura e extremamente perigosa", em face das circunstâncias políticas vividas pelo País.

A crise política brasileira vem assustando principalmente os bancos de porte médio que mantêm negócios com o Brasil, aquelas instituições cujas carteiras são mais sensíveis a bruscas flutuações de curto prazo.

Já as instituições de maior porte apenas observam ou valem-se do momento para comprar créditos do Brasil a "preços" incrivelmente baixos, na certeza de que o País é um bom negócio a médio e longo prazos, mesmo porque já existe alinhavado um acordo definitivo de dívida externa com os bancos privados estrangeiros, à espera somente da aprovação do Legislativo brasileiro.

Espera — Na área das empresas

produtivas, contudo, segundo disse ontem o mesmo analista ligado a uma instituição estrangeira, o que se vê com relação ao Brasil é a abertura de um gigantesco ciclo de espera. Todo o mundo que tinha investimento programado para o Brasil tratou de dar um tempo, até que a situação institucional e política do País fique mais clara.

Do mesmo modo, empresas brasileiras que estavam programando importantes lançamentos de papéis para captar recursos no mercado norte-americano adiaram sine die os seus lançamentos, destacando-se, entre essas empresas, a Riocel e a Telebrás.

Antes da crise política deflagrada pelo caso PC, várias empresas brasileiras chegaram a fazer lançamentos de papéis para o mercado norte-americano, logrando êxito total. Entre essas empresas, destacam-se a Aracruz, Petrobrás e Papel Simão.

Todos os negócios, tanto na área de investimentos quanto na do mercado financeiro, contudo, entram em compasso de espera até que as coisas no Brasil fiquem mais claras, o que deverá ocorrer a partir da segunda quinzena do mês de agosto, quando já terá vencido o prazo de conclusão dos trabalhos da CPI do caso PC, previsto para 11 de agosto.

Esta calmaria nos negócios com o Brasil vem se refletindo intensamente no mercado doméstico de capitais que hoje movimentam metade do que vinham movimentando há um mês. As bolas de valores, por exemplo, que já movimentaram entre Cr\$ 500 bilhões e Cr\$ 600 bilhões por dia, movimentaram, ontem, cerca de Cr\$ 150 bilhões.